

Nuestro mundo: vivencias con niños migrantes-extranjeros¹

Joaquim Rauber²; Ivaine Maria Tonini³; Jader Janer Moreira Lopes⁴ y Alana Morari Rauber⁵

Este é relato de experiência em que juntos, crianças migrantes estrangeiras e adultos criamos um livro digital sobre o nosso mundo. O livro é um material sugerido pelas crianças e teve como objetivo compartilhar vivências e conselhos/sugestões endereçados a outras crianças que pudessem estar em situação de migração. A escolha das cores, fotografias, brincadeiras, comidas e diálogos foram feitas pelas crianças, que na coletividade discutiam o que seria mais adequado, seus gostos e preferências. Nesse contexto, a autoria das crianças acontece ao longo do processo que buscou ser dialógico e polifônico.

As discussões sobre as migrações têm se tornado frequente para seus contextos e realidades, trazendo implicações políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais. Pouco se têm focado na abordagem da questão pelo ponto de vista educacional, especialmente pelas crianças migrantes-estrangeiras e *com* elas. Observou-se nestes últimos anos um aumento de matrículas de crianças migrantes-estrangeiras nas escolas do Rio Grande do Sul, especialmente na região da Serra Gaúcha, a qual se desenvolveu a experiência narrada.

Como justificativa, a produção do livro digital aproximou-nos de crianças migrantes-estrangeiras e de suas narrativas acerca de como vivenciam os espaços e constituem suas autorias no mundo. Nesta escrita a escolha se dá pelo compartilhamento de momentos que aconteceram junto algumas crianças e das coisas que elas têm a dizer sobre o mundo que todos nós coabitamos, aprendendo com elas novos modos de habitar as geografias.

1. Um livro... seria muito legal!

Os encontros, entre adultos e crianças, se dão pelo caminho da instituição escolar, uma escola pública municipal de Bento Gonçalves. A escola atende desde a pré-escola até o 9º ano do ensino fundamental. Todas as crianças que vieram de outros países foram convidadas a estar na experiência, da qual poderiam se ausentar sempre que quisessem. Semanalmente nos encontramos nos diferentes espaços escolares, às vezes biblioteca, sala de aula, espaço ao ar-livre ou sala de computadores.

Para produção do livro digital todas as questões éticas foram consideradas, tais como: aprovação em Comitê de Ética da universidade, autorizações legais e em especial o assentimento das crianças. O grupo ficou constituído por três crianças no turno da manhã, do quinto ano/série escolar. À tarde, o grupo ficou com três crianças de ano/série diferentes (pré-escola, primeiro e quarto ano). As crianças vieram do Haiti ou da Venezuela.

Os encontros entre adultos e crianças eram de muita conversa. Inteira de estar juntos. As narrativas sempre tinham um disparador inicial: uma imagem, mapas, globo, um livro ou uma situação cotidiana trazida por uma criança. Outros tantos assuntos e conversas se costuravam e quando víamos era quase o horário da saída, motivo de ouvirmos algumas vezes “*passou muito rápido*” ou “*no próximo encontro a gente precisa conversar sobre uma coisa que vou falar de meu país*”. Fomos aos poucos nos ouvindo, aprendendo uns com os outros e especialmente, percebendo que ouvir as histórias que nos constituem nos ajudam a elaborar o que vivemos. Íamos juntos constituindo nossos trajetos e (*des*)trajetos. Nesse ponto, cabe dizermos que pensar sobre as palavras, escová-las – como para

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado do autor principal com fomento de qualificação docente do IFRS, realizado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9747-9772>

E-mail: joaquim.rauber@bento.ifrs.edu.br

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8524-9117>

E-mail: ivaine@terra.com.br

⁴ Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>

E-mail: jjanergeo@gmail.com

⁵ Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7398-4059>

E-mail: alanamorari@gmail.com

o poeta Manoel de Barros (2013), e seus espaços ainda vagos tornou-se uma possibilidade criadora para os adultos, das quais as crianças nos ensinam com muita facilidade. Havíamos pensado que se os trajetos nos significam: “a distância (espaço) que precisa ser percorrida para se chegar de um lugar a outro; percurso ou trajetória⁶”, os (des) trajetos podem ser aqueles que fomos sem saber que percorreríamos, e aqueles que fizemos em pensamento, imaginação e memória e que extrapola em si o conceito de distância. Os (des)trajetos nos afinam com as contribuições de Vigotski (2017), na compreensão de que o desenvolvimento humano não é algo linear de um ponto a outro ou dependente de uma característica ou marcador exclusivo.

Crescia o sentimento entre todos que estavam ali de que era preciso contar para mais pessoas que se interessam por ouvir o outro, por estar e aprender com as crianças e que tenham em si uma “coleção de lugares”. Sobre isso, fazemos referência à obra “*O menino que colecionava lugares*” de autoria de Lopes (2013), livro que nos acompanhou nos encontros.

Sentíamos que ouvir as histórias com atenção, colocá-las ao centro de nossa roda, como lugar simbólico de importância, celebrava um tanto do nosso mundo e afirmava com convicção que todos que estavam ali são importantes para nós. E, desta maneira, em uma manhã ensolarada com muito vento, ouvimos a proposição de uma criança que, empolgada, nos convocava à responsabilidade: “se a gente fizesse um livro ia ser muito legal!”.

Nos afinamos com os entendimentos de Hannah Arendt (1990) acerca de responsabilidade ligada ao compromisso com o mundo comum. Relaciona-se com a contribuição em que a autora indica os dilemas da educação, levando-nos a pensar sobre a responsabilidade de acolhermos as novas gerações, apostando nelas como uma escolha responsável, apresentando o mundo e mantendo-o aberto para a possibilidade da renovação e do imprevisto.

Perguntados se já haviam participado ou feito um livro, uma das crianças foi rápida “eu tenho meu livro de desenhos. Eu juntei as folhas e ficou assim” (fazendo um movimento de folhear as páginas com as duas mãos: uma mão pausada segurando o livro e movimentando a outra como as páginas). Olhávamos todos para ela com um certo alívio porque havia ali alguém que já havia feito seu próprio livro. E lembramos do poeta, que tínhamos “o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto” (Barros, 2013: 429).

O desejo de constituir um livro digital estava em mostrar os diferentes países, as culturas, um pouco sobre as nossas conversas e daquilo que íamos pensando juntos. Poderíamos partilhar com as crianças “*que ainda vão chegar aqui em Brasil e dizer que elas podem conservar sua cultura e fazer amizades aqui*” como disse uma das crianças. Tomados do encantamento responsável de estar com as crianças, achávamos lugares nos escritos de que:

Diante de nós, há uma situação criada pela criança. Todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela de sua experiência anterior, pois, do contrário, ela nem poderia criá-la. No entanto, a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar ou ver. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação (Vigotski, 2004:13-14)

Quando repetíamos a palavra *livro*, empolgados e ansiosos, nos vimos diante da possibilidade da atividade combinatória ou criadora como nos apresenta os escritos de Vigotski (2004). Para o autor, se refere ao que está além do vivido como experiência anterior, está na capacidade de imaginar e instaurar algo novo:

Não estou simplesmente restaurando a marca de excitações anteriores que chegaram ao meu cérebro, pois nunca vi, de fato, nem esse passado nem esse futuro. Apesar disso, posso ter a minha ideia, a minha imagem, o meu quadro. Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. [...] É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente (Vigotski, 2004: 17)

Residia aqui um desafio enorme que nomeamos como pergunta: Como iríamos compor um livro que tratasse das vivências espaciais das crianças migrantes-estrangeiras? Como não cair no adultocentrismo em dizer as coisas pelas crianças ou desvincular a existência delas e suas autorias no livro digital?

2. Os (des)trajetos das palavras

O livro digital foi se constituindo na coletividade ao estarmos juntos⁷. A cada encontro novas ideias surgiam e aos poucos íamos agrupando as temáticas seguindo as propostas de organização feitas pelas crianças. Havia sido combinado que os adultos organizariam em formato digital e as crianças fariam as escolhas e modificariam conforme suas vontades e gostos. A exemplo da cor: “*escolho esta porque aquela tem cor de hospital*”. Aos poucos fomos aprendendo que “as coisas que não têm nome são mais pronunciadas pelas crianças” (Barros, 2013: 276). E, nesse movimento encorajamo-nos a pedir às próprias crianças: *como faremos?* Morava nelas os começos, as amarrações

⁶ Definição de dicionário online.

⁷ Ressaltamos a importância das leituras, reflexões e produções do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI/CNPq).

e os provisórios finais do livro digital que passaremos a conhecer uma parte. Nos vimos então a inventar um livro, ressoando a poesia de que “tudo que não invento é falso” (Barros, 2013: 319).



Figura 1. Capa do livro em formato digital “O nosso mundo” (2022)

Ele foi organizado com 5 temáticas distintas, denominadas de: Lugares do nosso mundo, Línguas do nosso mundo, Comidas do nosso Mundo, Explicações do nosso mundo e Achados do nosso mundo.

Em *Lugares do nosso mundo* há o compartilhamento de lugares que estão “colados em nosso corpo”, como o menino que colecionava lugares do professor Jader Janer Moreira Lopes, que inclusive foi disparador inicial dos diálogos que as crianças gostaram muito. Nesta temática, as crianças apresentam lugares, em maioria dos países que vieram e isso constituiu os mapas vivenciais que ocorreu posteriormente. Os lugares que as crianças narram são públicos em que todas brincavam com outras crianças.

Em *Línguas do nosso mundo* há aspectos sobre as diferentes línguas que as crianças migrantes-estrangeiras dominam e se dispõe a auxiliar as pessoas que não são políglotas. Como podemos observar a tabela construída por uma das crianças haitianas, destacando palavras nos idiomas que tem maior contato como francês, crioulo, português e espanhol.

Espanhol	Francês	Português	Creolo
Chocolate	Chocolat	Chocolate	Chocolate
Jugo	Suco	Suco	Ji
Alimento	Aliment	Comida	Mangé
Escuela	École	Escola	Escola
Aprender	Apprendre	Aprender	Sulé
Discreción	Sauve	Barra	Televisión
Televisión	Televisión	Televisão	Telefone
Telefono	Telephone	Telefone	Kabann
Cama	Lit	Cama	Chá
Silla	Chaise	Cadeira	Kanata
Sofa	canapé	Sofá	Paraboli
Botana	Langouste	Miso	Kinoti
Sambilla	Panacorte	Guando-chuva	Bir
Unca	barren	bacia	Kreften
Bibao	libra	Bisco	Bis
Paño de calor	crayon	Paño de cor	Dib
Mitobito	Bis	Amibus	Fim
Isaia	Isaia	Alud	Fim
Alcuna	Film	Filme	Rádio

Figura 2. Palavras em diferentes línguas. Livro digital: “O nosso mundo” (2022).

Uma fração trata sobre as *Comidas do nosso mundo* que nos deu muita água na boca e nos permitiu refletir sobre as frutas, ingredientes e culinária de uma região e do quanto isso está associado a seus lugares e suas paisagens. As comidas que as crianças escolheram falar e apresentar são parte de sua cultura e muitas narrativas se relacionavam aos modos de preparo e ingredientes que eram comuns em seus países. Algumas das crianças verbalizavam que aqui – no sul do Brasil – não se encontrava frutas e temperos como os que eram abundantes lá. A exemplo a fruta indicada abaixo:

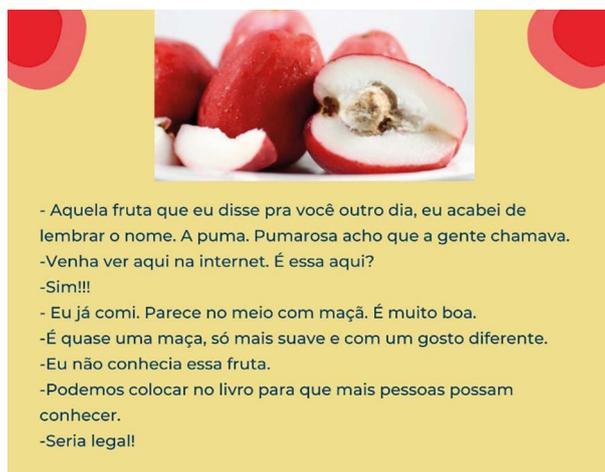


Figura 3. Fruta “pumarosa”. Livro digital: “O nosso mundo” (2022).

Na temática *Explicações do nosso mundo* há as palavras, os (des) trajetos das palavras que com ajuda das crianças poderemos pensar e nos aproximar dos começos, “Eu queria avançar para o começo. Chegar ao criancamento das palavras.” (Barros, 2013, p. 315). Nos foi possível alongar os pensamentos e aproximarmo-nos de palavras que migraram, e que “pegam delírio” (Barros, 2013) quando pronunciadas pelas crianças.

Nesta parte do livro digital, há a transcrição do jogo em que cada criança foi escolhendo algumas palavras e compartilhando seus entendimentos e composições. Elas brincavam de ser dicionário. Poeticamente, nos parece que tal exercício pode ser narrado como o que Galeano (2002) escreveu:

Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. (p.13).

Para esse relato, escolhemos a palavra ‘Brasil’ que havíamos em alguma medida perdido, e que constantemente temos lutado – enquanto professores – para recuperá-la, retirando-a dos velhos e tradicionais vidros de cristais para que possamos novamente pronunciá-la, agora com novos arranjos e potencializadas pelas crianças. As palavras *Brasil e Língua* estão amaranhadas neste diálogo, e nos indicam que esta é uma questão central quando tratamos de migrações.

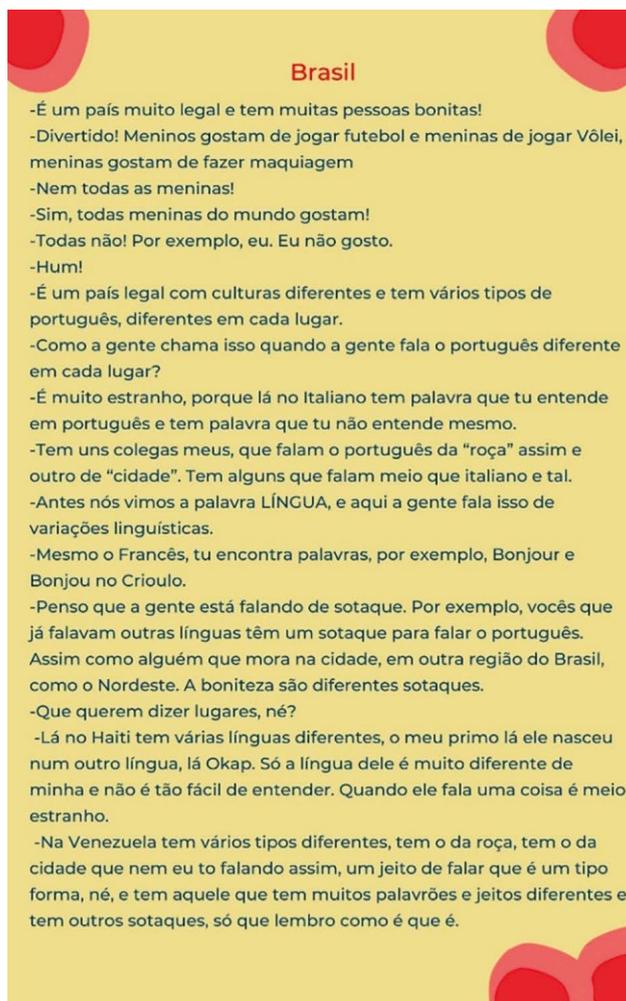


Figura 4. O nosso Brasil, Livro: “O nosso mundo” (2022).

Quando ouvimos: “*Brasil é bom!*”, colocamos muitas desconfianças na afirmação. Sentíamos como se nossas ideias fossem formigas, vivendo em harmonia e que, de repente, alguém tivesse mexido no formigueiro. Os túneis estavam desorganizados, e as ideias chocavam-se e puxavam outras e outras. As formigas insistiam em formular perguntas, ainda sem verbalizá-las: “*Mas e a fome que existe aqui? A pobreza? O descaso? E isso, e aquilo? Estou a não gostar dos lugares?*”. Na verdade, queríamos ser um país melhor e pessoas melhores. Compreendemos que as interrogações não são para serem respondidas, se não para criar espanto e fazer as palavras delirarem e fugir por completo de quem antes as pronunciava. Não nos restou dúvidas: se o Brasil é bom não sabemos, mas ele ficou melhor quando essas crianças chegaram aqui.

Em *Achados de nosso mundo* nos aproximamos do que disse o poeta: “Do lugar onde estou já fui embora” (Barros, 2013: 322). A “*carcaça de formiga de fogo*”, como foi nomeada pela criança foi encontrada na quadra de areia, embaixo de uma árvore. A formiga já sem vida foi um achado precioso causador de espantos e provocador de pensamentos.



Figura 5. Foto e desenho da “carcaça de formiga de fogo”, Livro: “O nosso mundo” (2022).

3. Fins transitórios

Na experiência de constituição do livro digital “O nosso mundo”, entendemos o espaço como coetâneo, heterogêneo e múltiplo. As crianças que vieram, e continuam a vir para o Brasil produzem cultura a partir do plano social e não somente vivem o espaço, mas transformam a partir de suas vivências espaciais, linguísticas e culturais. Optamos por nomear de *(des)trajetos*, os convites que as crianças nos apresentam e fogem da linearidade e daquilo que é pré-estabelecido permitindo-nos aprender com nossa incompletude.

Trânsito de *(des)trajetos*, é assim que nos encontramos para concluir o que ressoa e que se apresenta como aquilo que escolhemos nomear como uma vivência espacial narrada, carregada de pessoas que gostam de estar com outras pessoas, a ouvir suas memórias e histórias nas tramas que nos *(re)fazem* incompletos. Um livro que foi constituído e inventado sem a pretensão de parecer sério e útil, porque “as coisas que não levam a nada têm grande importância” (Barros, 2013: 135).

4. Referências bibliográficas

- Arendt, H. (1990). *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva.
- Barros, M. D. (2013). *Poesia completa/Manoel de Barros*. São Paulo: LeYa.
- DICIO (2023). *Dicionário Online de Português*. (a linha) <https://www.dicio.com.br/trajeto/>, acessado em 24 de fevereiro de 2023.
- Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM.
- Lopes, J.J.M. (2013). *O menino que colecionava lugares*. Porto Alegre: Mediação.
- Vigotski, L S. (2004). *Imaginação é criação na infância: ensaio psicológico*: Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática.
- Vigotski, L S. (2017). *Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia*. Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers.